

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT19.020

ESTUDOS DO LIVRO OS SERTÕES: ENTRE OS MANUAIS DIDÁTICOS E O COMPUTADOR

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

RESUMO

Este trabalho desenvolve um estudo do livro ficcional Os sertões de Euclides da Cunha (1902), presente nos manuais didáticos de Língua Portuguesa, e investiga os desdobramentos da obra no processo migratório do livro para o ambiente digital. O objetivo é investigar as imagens - metaforicamente representadas como retalhos - e os textos relacionados à obra-prima de Euclides da Cunha que alcançam os estudantes do Ensino Médio, considerando-os instrumentos de formação de leitores-autores para além do material didático. Além da investigação de manuais didáticos de diferentes editoras, exploramos a produção textual em ambientes digitais para ampliar o alcance da obra “Os sertões” em diferentes linguagens, proporcionando aos estudantes uma visão mais ampla e crítica do texto em questão. A desmontagem literária foi o método utilizado, juntamente com uma abordagem intersemiótica, na qual identificamos três pontos fundamentais presentes no conjunto dos livros didáticos investigados: o primeiro ponto autoral; o segundo ponto metodológico; e o terceiro ponto da (des)construção da colcha de retalhos chamada “Os sertões”. Sem dúvida, ao abordar a obra, tornou-se necessário investigar o autor multifacetado, escorregadio, contraditório, um intelectual que também se desconstrói ao longo da produção na Campanha de Canudos,

1 Mestre e Doutora do Curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, escritora de literatura infantojuvenil, administradora do canal Toque Poético, mrs.bamorim@yahoo.com.br, Instagram @elisabethamorim6

temática do livro investigado. Dado o amplo escopo de investigação do tema do livro, obtivemos resultados da pesquisa: desconstruir a literatura associada a outras formas de arte; formar grupos de leitores-autores em espaços digitais a partir da leitura de Os sertões; reexaminar o pensamento crítico sobre a Guerra de Canudos; promover a releitura em escolas públicas e em espaços não formais de aprendizagem.

Palavras-chave: Os sertões, Manuais didáticos, Redes sociais.

INTRODUÇÃO

TECENDO HISTÓRIAS EM REDES NOS CONTRAPONTO DE OS SERTÕES

Iniciando este texto, vem à memória o conto **“A moça tecelã”**, de **Marina Colasanti**. O enredo narra a história de uma jovem que constrói toda a sua existência a partir dos bordados que tece. Esses bordados passam a integrar sua vida de forma plena, afinal, “tecer era tudo o que ela fazia, tecer era tudo o que ela queria fazer.” No momento em que o tecer deixa de ser fonte de prazer e se torna uma obrigação para atender à vontade de outra pessoa, ela começa a desfazer sua própria obra — e, assim, uma nova história se inicia.

Quando o assunto é Os sertões, de Euclides da Cunha (1902), é válido lembrar o quanto o autor tomou uma atitude semelhante à da “moça tecelã”. Ao escrever Os sertões, Euclides puxou diversos fios que o aprisionavam: os fios do ideologismo, do determinismo, do cientificismo, do militarismo e até do preconceito racial.

Euclides já trazia o “bordado” da Guerra de Canudos praticamente pronto, pois já havia escrito sobre o evento com um propósito previamente definido pelas autoridades. No entanto, quando o jornalista se vê insatisfeito com os rumos do conflito e incapaz de encontrar prazer naquilo que estava fazendo, assim como a jovem tecelã de Colasanti, ele puxa o fio.

Puxar o fio, nesse sentido, não é destruir o que havia sido feito, mas traçar outros caminhos. Assim, percebemos que o bordado inicial não foi desprezado; ao contrário, novas linhas deram-lhe diferentes contornos. Euclides não deixou de ser jornalista, historiador, engenheiro militar, entre outras coisas, por não seguir o roteiro previsto. Mas, além de todos os títulos que lhe foram atribuídos, foi o **título de escritor** que o projetou para o mundo.

Segundo Souza (2004), o episódio de Canudos marcou a humanidade e, desde então, criou-se uma poética histórica, da qual emergiram inúmeros textos, oriundos de abordagens tanto reais quanto ficcionais.

Todavia, os textos que chegam aos estudantes do Ensino Médio, por meio dos manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, apresentam narrativas entrecortadas – geralmente, fragmentos da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha – ilustradas por caricaturas de Antônio Conselheiro.

Durante muitos anos, perpetuou-se no imaginário coletivo a figura de um Antônio Conselheiro louco, fanático, sujo, manipulador, assassino, agitador, monarquista e líder de uma insurreição no sertão baiano. Os livros didáticos contribuíram para a propagação desses estereótipos em torno de Antônio Vicente Mendes Maciel, ou simplesmente Antônio Conselheiro. O professor Aleilton Fonseca (et al.) chama a atenção para as **injustiças** sofridas por esse cidadão:

Antônio Conselheiro foi, sem dúvida alguma, um dos personagens mais caluniados da história do Brasil. Expressões depreciativas, das mais variadas possíveis, sempre lhe foram comumente associadas em diversos registros histórico-literários. [...] Contudo, mesmo compreendendo que a sua decisão de lutar contra as injustiças sociais praticadas pelos poderosos, posicionando-se ao lado dos mais fracos, não seria, de modo algum, tarefa simples e fácil, jamais desistiu. (Fonseca e Gomes, 2020, p.27)

É notório que a luta de Antônio Conselheiro pelas causas dos mais pobres foi totalmente apagada dos manuais didáticos, assim como as inúmeras injustiças sociais que sofreu. Os fragmentos de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, reproduzem uma narrativa de luta violenta, na qual Canudos é eliminada palmo a palmo em decorrência das ações atribuídas ao seu líder. O fato de o beato peregrinar pelos sertões, reformando e construindo igrejas e cemitérios, parece não fazer parte da trajetória que lhe foi consagrada.

São justamente essas lacunas que motivaram a ir além dos manuais didáticos e a recorrer aos espaços digitais. Afinal, a primeira Canudos foi, como escreveu Euclides da Cunha, “expurgada palmo a palmo”, mas outras Canudos surgiram – fato que os manuais insistem em ignorar.

Para Oliveira (2014), “Na era digital, a morte do livro já foi há muito prevista. A internet e os e-books seriam os algozes. Afinal, por que manter uma vasta e espaçosa biblioteca, se, com um único tablet, é possível – e muito mais prático – transportar inúmeros títulos?”. Os livros e os navegadores podem coexistir de forma produtiva, sem que um necessariamente exclua o outro.

Este texto apresenta um recorte da minha tese de Doutorado, desenvolvido especialmente durante o período da pandemia de Covid-19, quando precisei realizar o Estágio Docente em uma turma de Letras, na Universidade do Estado da Bahia. Diante do cenário das aulas síncronas e assíncronas, surgiu o desafio – e a oportunidade – de trabalhar Os sertões, de Euclides da Cunha, em diálogo com outros sertões, construídos e reconstruídos em redes.

Assim, este texto tem o objetivo é investigar as imagens - metaforicamente representadas como retalhos - e os textos relacionados à obra-prima de Euclides da Cunha que alcançam os estudantes do Ensino Médio, considerando-os instrumentos de formação de leitores-autores para além do material didático.

Segundo Seidel (2020), é preciso investir em uma leitura decolonial para ir além do dizer e explorar o desdizer. O que se diz – e o que se desdiz – sobre Os sertões nos manuais didáticos? E como essas leituras migram do livro para o navegador?

Nosso percurso foi marcado por leituras e desleituras, pelo ir e vir, pelo dizer e desdizer sobre Os sertões – obra que explora a Guerra de Canudos, massacre ocorrido na Bahia, no final do século XIX, envolvendo o exército e os sertanejos moradores de Canudos (Belo Monte).

O que se desdiz a respeito de Os sertões, de Euclides da Cunha, tem servido de inspiração para inúmeros pesquisadores, cordelistas, poetas, romancistas e outros criadores. As palavras de Seidel ressoam em defesa de uma leitura transgressora, afinal, é preciso:

Ler, interpretar, compreender textos e compreender melhor a si, aos outros e ao mundo à sua volta. E não: interpretar para

dominar, para impor uma versão do passado; para legitimar uma determinada versão da história, dos fatos, do mundo. Hoje falamos muito - especialmente na teoria literária, mas também em outras áreas das humanidades - em que leitura decolonial ou leitura descolonizadora. Esse tipo de leitura, interpretação e compreensão tentam nos ensinar como reler, desler, dando novos sentidos aos textos do passado, texto que muitas vezes nos tentavam convencer de que o mundo teria que ser como nos era mostrado. (Seidel, 2020, p. 5)

Daí surge a necessidade de articular em rede, para que o estudante do Ensino Médio não tenha acesso apenas a uma história única, contada pelos dominadores – e, portanto, carregada de ideologia, como geralmente aparece nos manuais didáticos.

As diferentes e novas versões devem ser lidas, relidas, mas também deslidas. Falar de Os sertões é falar de um massacre que vitimou cerca de vinte mil pessoas; é falar de uma cidade bombardeada por canhões; é falar de um lugar reduzido a cinzas após o bombardeio.

No entanto, os manuais didáticos esquecem de registrar que, dois anos após o massacre, o repovoamento de Canudos começou de forma tímida e cautelosa, pois o medo de novos ataques ainda rondava a região.

O PASSO A PASSO METODOLÓGICO

Ensinar, portanto, é uma tarefa difícil, para qual não temos respostas absolutas e predefinidas. Os caminhos precisam ser descobertos ou inventados a cada dia, em cada sala de aula, com cada aluno. O que funciona com alguns não funciona para muitos outros. O que produz bons efeitos hoje, talvez não produza amanhã. O sucesso de hoje pode ser o fracasso de ontem, e vice-versa. (Gallo, 2012, p.17)

As contribuições de Gallo (2012), de certo modo, respondem às nossas inquietações. Ao estudar a obra Os sertões, de Euclides da Cunha, inevitavelmente nos deparamos com uma colcha de retalhos, composta por linhas soltas, fios embaraçados, que nos obrigam a fazer um zigue-zague constante – sobretudo quando investigamos as imagens que circulam

nos manuais didáticos e migram para o ambiente digital, por meio de sites, blogs e redes sociais.

Não tínhamos receitas prontas, mas fomos descobrindo caminhos ao longo do percurso. Entre oito editoras — Ática, Saraiva, Moderna, Leya, FTD, Edições SM, Atual e Positivo —, selecionamos as publicações de manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira voltadas para estudantes do 3º ano do Ensino Médio, que abordam a obra *Os sertões*. No recorte temporal de 1999 a 2019, foram treze manuais analisados.

No entanto, os manuais didáticos por si só não nos satisfizeram, pois, embora apresentem indicações de leitura por meio de links, foram as redes digitais de aprendizagem que se configuraram como outra possibilidade de leitura e investigação. Assim, delimitamos nosso olhar para três espaços digitais: um site (Recanto das Letras), um blog (Toque Poético) e um grupo social restrito, criado para os estudantes de Letras, destinado ao compartilhamento de impressões de leitura de *Os sertões*.

É válido ressaltar que a obra em discussão emerge de um contexto de guerra, quando o correspondente do *Jornal Estado de São Paulo*, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha — ou simplesmente Euclides da Cunha —, veio à Bahia, em setembro de 1897, para cobrir os desfechos da Guerra de Canudos, conflito que se encerrou em 5 de novembro do mesmo ano.

O jornalista, intelectual, escritor, engenheiro e militar defendia a República e, em artigos anteriores, já havia sinalizado sua desaprovação à “rebeldia” de Antônio Conselheiro e de seus seguidores no Sertão baiano. No entanto, ao chegar ao local, deparou-se com uma realidade completamente diferente daquela construída pelas notícias tendenciosas e pelos juízos de valor que circulavam na imprensa.

Dessa experiência resultaram trechos contraditórios e, por vezes, preconceituosos em sua grande obra — reflexo do embate entre o olhar científico e o impacto humano do que testemunhou. Afinal, Euclides não encontrou um grupo de jagunços armados, como se imaginava, mas sim um povo sofrido, faminto e resistente, lutando para permanecer em suas próprias casas.

Um dos trechos mais utilizados nos manuais investigados, trata-se do final da guerra, ao destacar que não houve rendição, mas um massacre total na cidade de Canudos. O fragmento do Os sertões diz:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5 mil soldados. (Cunha, 2003, p.497-498 apud Campos, Maria Inês Batista; Assumpção, Nívia, 2016, p.81)²

O fragmento acima não dialoga com a imagem que o antecede, intitulada “Sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro”, uma fotografia de Flávio de Barros, datada de 1897. Sabe-se que Flávio de Barros foi o fotógrafo oficial do Exército, designado para registrar a Guerra de Canudos. Os “seguidores” que aparecem na fotografia, na verdade, são prisioneiros e prisioneiras de guerra, muitos dos quais foram degolados com a chamada “gravata vermelha” – corte profundo na garganta, prática comum entre os soldados do Exército.

No entanto, essa informação é omitida. A imagem é apresentada como se os seguidores de Antônio Conselheiro tivessem simplesmente feito uma pausa na luta pela sobrevivência para posar para uma fotografia.

Segundo Amorim (2024), os manuais didáticos de Língua Portuguesa e Literatura investigados – com raríssimas exceções – tratam a questão de Canudos como um fato consumado, reproduzindo fragmentos da obra euclidiana que reforçam essa visão. Em outras palavras, apresentam a Guerra de Canudos como responsável pela destruição total do lugar e do povo.

Indo além, Amorim destaca uma exceção, que traz nas margens da página as vozes silenciadas, por meio do livro do escritor peruano Mario

2 CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nívia. Esferas das linguagens, v. 3, 1ed. São Paulo: FTD, 2016., p.81

Vargas Llosa, que decidiu reescrever a Guerra de Canudos sob o título A guerra do fim do mundo.

A seguir, vejamos o fragmento que, segundo Amorim, geralmente passa despercebido pelos estudantes, justamente por não receber o devido destaque:

Quando o peruano Mário Vargas Llosa resolveu reescrever a história da Guerra de Canudos, buscou os relatos, reais ou fictícios, preservados pela tradição oral. Percorrendo caminhos do interior da Bahia trilhados por Antônio Conselheiro, refez sua história dando destaque para o aspecto humano e para as impressões que ficaram gravadas na memória do povo simples que, 82 anos após o conflito (Llosa percorreu o sertão baiano em 1979), mantinha vivo o mito do beato que veio para salvar os sertanejos. (Abaurre, et al. 2013, p.17)³

Se há vozes silenciadas, era preciso buscá-las. Os espaços virtuais mostraram-se propícios para localizá-las e dar visibilidade às diferentes manifestações culturais que dialogam com a obra Os sertões, de Euclides da Cunha, integrando-as aos nossos estudos.

E assim o fizemos: estabelecemos diálogo com as redes sociais do artista plástico baiano Sílvio Jessé, com o blog e o site do escritor Aleilton Fonseca, com o documentário Paixão e Guerra no Sertão de Canudos, de Antônio Olavo, e com a obra magistral de Ivan Santtana, O silêncio do sino, que revisita a guerra sob a perspectiva infantil. São pinceladas que nos ajudam a compreender que é possível discutir Os sertões – um livro denso e complexo – a partir de diferentes linguagens, num processo que poderíamos chamar de desmontagem literária.

Castells (1999) defende que vivemos imersos em uma sociedade permanentemente conectada, na qual a transmissão e o compartilhamento de informações, imagens e mensagens ocorrem de forma incessante. Essa constatação se materializa em nosso grupo social, nas impressões sobre Os sertões / Canudos, quando um estudante de Letras registrou, em forma de versos:

3 ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. Português: contexto, interlocução e sentido, 2ed. São Paulo: Moderna, 2013.

Narrativa bruta que só
Descrevendo a Guerra de Canudos
Disputa sem piedade
Será que precisaram de escudos?

Desde o verso inicial – “Narrativa bruta que só” –, percebem-se as primeiras impressões de leitura de um estudante do curso de Letras, ainda no primeiro semestre. A dureza da obra é sintetizada na palavra “bruta”, que traduz o impacto da narrativa euclidiana. E, sem deixar de lado a ironia, o autor do poema, ao mencionar a “disputa sem piedade”, questiona: “Será que precisaram de escudos?”

Mas que escudo poderia proteger da fúria dos canhões? A cidade foi devastada, seus moradores alvejados, o leito do rio Vaza-Barris cercado, impedindo-os de beber água – uma estratégia que os aniquilava não apenas pelas armas, mas também pela fome e pela sede.

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, desenvolvida sob uma abordagem intersemiótica, conforme as contribuições de Roland Barthes (2001) e sob a perspectiva da Crítica Cultural. Ao perceber as lacunas presentes nos manuais didáticos, esta investigação se constrói em dobras e desdobras, como uma colcha de retalhos – múltipla, inacabada e em constante movimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cem anos passados, aquele destino trágico, que confrontou algozes e vítimas no maior “crime da nacionalidade” perpetrado, parece ter se alastrado, como maldição, para todo o território do país. O incêndio de Canudos espalhou-se por todo campo e cidade. O vento levou as cinzas para muito longe fora de qualquer controle... (Hardman, 1997 apud Campos e Assumpção, 2016, p.82)⁴

O crítico literário Francisco Foot Hardman (1997), no ano de centenário da Guerra de Canudos, escreveu “A voz da crítica”, cujo fragmento do texto está no manual didático de Campos e Assumpção(2016). O texto de

4 Idem (ver nota 2)

Hardman ao dialogar com o fragmento de Os sertões, de Euclides, aponta o massacre de Canudos como uma maldição alastrada para além dos Sertões baianos, mas atingiu todo o território brasileiro. Um problema real que não ficou na zona rural, mas invadiu a cidade de forma implacável.

Hardman chama a atenção para o fato de que os problemas existentes em Canudos no século XIX continuam a existir ainda hoje. Se naquela época a miséria denunciada era rural, hoje ela se amplia, tornando-se urbana, suburbana e metropolitana. A briga pela terra permanece uma realidade: se no passado apenas o Morro da Favela, em Canudos, sertão baiano, serviu para dividir opiniões no Brasil, atualmente os aglomerados de casebres nos morros dividem os povos dos grandes centros urbanos, nos quais os favelados estão do lado oposto dos não favelados.

Diante desses problemas persistentes, os gritos dos moradores de Canudos, antes silenciados, já não se calam. Moradores de Canudos e região, que ouviram histórias dos avós e bisavós, e que também conheceram as leituras únicas dos manuais didáticos, contam e recontam, em diversas linguagens, os fatos ocorridos em Canudos, no final do século XIX, utilizando a internet como meio de propagação de suas produções autorais.

Enquanto os manuais didáticos recorrem a caricaturas e charges para representar Antônio Conselheiro, acabam por perpetuar o estereótipo de sujeira, loucura, tristeza e fanatismo associado à imagem de Antônio Vicente Mendes Maciel. Conforme se observa na imagem a seguir, retirada de um dos manuais das Edições SM.

Figura 1: Charge de Antônio Conselheiro para a Revista Ilustrada, 1896



Fonte: Livro Ser protagonista: Língua Portuguesa, Edições SM, 2013

Figura 1 trata-se de uma charge de Ângelo Agostini, publicada em 1896 – ano em que teve início a Guerra de Canudos. Agostini utiliza o posicionamento político de Antônio Conselheiro e de seus seguidores em relação à República para ridicularizá-los por meio do desenho publicado na Revista Ilustrada, no período em que os conflitos entre os sertanejos e as instituições Igreja e Estado, com intervenções militares, ainda estavam em curso.

Sem dúvida, o pensamento de Agostini reflete o imaginário social da época, uma sociedade induzida a enxergar Antônio Conselheiro como um “monstro”, supostamente disposto a reimplantar a monarquia e rechaçar a República.

Por outro lado, nas redes sociais do artista plástico Sílvio Jessé (@silviojesse), encontramos a coleção Canudos/Belo Monte: a terceira margem (2017), posteriormente transformada em livro homônimo, em parceria com Aleilton Fonseca (2019).

Através dos pincéis de Jessé, Antônio Conselheiro ganha vida em cores fortes e vibrantes, em uma representação distante das caricaturas estereotipadas presentes nos manuais didáticos.

Passemos, então, à figura 2:

Figura 2 – O Conselheiro, de Sílvio Jessé, 2017⁵



Fonte: rede social do artista Sílvio Jessé (@silviojesse)

5 O artista Sílvio Jessé é baiano da cidade de Vitória da Conquista, com ateliê em Mucugê, Ba. O mesmo autorizou o uso das imagens disponíveis em suas redes sociais, no entanto, vale ressaltar que a imagem utilizadas encontra-se no livro de sua autoria.

Enquanto a Figura 1 traz uma imagem grotesca, que busca satirizar a situação vivenciada por Antônio Conselheiro e seus seguidores, a Figura 2 explora a força e a persistência de um grande líder marcado pelo sertão. A caveira, os mandacarus, o crucifixo amarelo, as casas desordenadas e invertidas, e o vermelho predominante contrastam com o roupão azul, sem nenhuma marca de sujeira.

Cada artista carrega sua própria perspectiva, suas cores e nuances, contribuindo para uma visão mais ampla e multifacetada da história.

A Figura 2, como se apresenta, é um exemplo marcante dessa diversidade: ela não apenas retrata Antônio Conselheiro de forma viva e luminosa, mas também incorpora elementos do cenário da guerra de modo vívido e simbólico.

Assim, apesar da beleza estética da obra, o artista faz questão de sinalizar visualmente a tragédia do Sertão. A pintura representa um massacre, um grande derramamento de sangue. Não por acaso, as casas desordenadas aparecem em tons avermelhados, evocando a violência e a dor que marcaram Canudos.

Os manuais didáticos investigados trabalham pelo viés do apagamento: citam a violência com base em fragmentos do livro de Euclides da Cunha e saem pela tangente, quase sem nenhuma atualização. Não exploram a briga pela terra que é tão atual. Uma briga imortal, gerada sobretudo, pela má distribuição de renda, que, em todos os tempos, se fez presente na história e na literatura.

Um manual didático da Editora FTD, 2016⁶ traz uma fotografia datada de 2012, das Ruínas da Igreja de Santo Antônio, da Antiga Vila de Belo Monte, em Canudos Velho. O que tem de interessante na fotografia das ruínas da igreja?

É um passado que muitos gostariam de mantê-lo submerso, oculto, contudo, essas ruínas brotam do chão quando as águas do Rio Vaza-Barris baixam e escancaram a vergonha histórica; de um sofrimento temperado

6 CAMPOS, Maria Inês Batista; ASSUMPÇÃO, Nívia. Esferas das linguagens, v. 3, 1ed. São Paulo: FTD, 2016

com as armas daqueles que deveriam usá-las para proteger a população, não para destruí-la.

Diante da fotografia das ruínas, o pequeno texto que aqui se inscreve:

No decorrer dos anos, depois do último combate (1897), construiu-se um segundo arraial; em 1968, toda região foi alagada pelo açude de Cocorobó, que represou o rio Vaza-Barris. A população se mudou para um local próximo, onde existe até hoje uma cidade chamada Canudos. Esse acontecimento faz lembrar uma profecia do beato Conselheiro: “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão.” (idem, p.83)

Parece uma informação qualquer, mas é apenas aparência. É de suma importância que os estudantes, leitores dos manuais didáticos, compreendam a gravidade das ações políticas orquestradas pelos governantes em Canudos. É preocupante que o fragmento desse texto passe despercebido, relegado ao canto de uma página, sem qualquer exploração discursiva ou crítica. Afinal, poucos estudantes leem o que está no box, num espaço marginalizado da página.

Canudos, como bem relata Os sertões, foi massacrada, queimada e expurgada totalmente. Mas, como se isso não bastasse, em 1968, toda a região voltou a sofrer novas injustiças: com a construção do Açude de Cocorobó, os moradores de Canudos foram obrigados a deixar suas casas, pois a nova Canudos foi submersa pelas águas do rio Vaza-Barris.

Até hoje, não se explica por que uma localidade miserável como Canudos, cercada de casebres rústicos feitos de taipa, despertou o ódio de instituições tão poderosas e ricas quanto o Estado e a Igreja. Destruir Canudos tornou-se uma questão de honra: militares de vários estados foram convocados a participar do combate, com o intuito de desarticular o chamado “foco monarquista” na Bahia.

Um outro ponto interessante encontra-se no livro “Português, v. 3, de Leila Lauer Sarmiento e Douglas Tufano (Editora Moderna, 2010). Após dialogarem com a literatura euclidiana e com várias linguagens desde as fotografias de Flávio de Barros (fotógrafo oficial da Guerra de Canudos), caricaturas e artigos de opinião de diferentes fontes os autores apresen-

tam fotografia, datada de 1997, que uma região de Canudos coberta por um açude, ao lado de um casebre em ruínas após o incêndio provocado pelos soldados(s.d.) acompanhada da manchete: “Os sertões: a denúncia de um crime”. Vejamos a imagem 3:

Figura 3 - Canudos em dois contextos históricos 1897/1997



Fonte: Livro Português: literatura, gramática e produção de texto, v. 3, Editora Moderna, 2010, p.42

Infelizmente, as imagens apresentadas nos manuais didáticos carecem de maiores explanações, sobretudo porque estão direcionadas a um público jovem – estudantes do Ensino Médio. Mais uma vez, percebe-se a dificuldade de autores e/ou editoras em aprofundar as consequências da Guerra de Canudos nos manuais didáticos de Língua Portuguesa. Mesmo quando exploram o livro de Euclides da Cunha, os fragmentos selecionados são, em sua maioria, retirados da primeira parte da obra – referente às questões geográficas da terra – ou da segunda parte, que aborda o homem, neste caso, o sertanejo. O fragmento equivalente à terceira parte, intitulada “Canudos não se rendeu”, raramente é explorado.

A figura 3, apesar do título “Os sertões: a denúncia de um crime de Canudos”, ao apresentar casebres incendiados e uma região submersa, já sugere mais de um crime cometido naquela localidade, pois se trata de situações e contextos distintos. Além da guerra que massacró a população, houve o incêndio das casas e, anos depois, a submersão do local

do conflito devido à construção de um açude. É claro que Os sertões foi publicado antes da segunda destruição, mas os materiais didáticos são recentes – portanto, não deveriam reproduzir fotografias sem explorá-las criticamente. A imagem do lado direito, por exemplo, revela algo que muitos preferem manter submerso: os escombros de uma guerra.

Daí a necessidade de recorrermos aos espaços digitais para investigar como essas imagens são propagadas a partir das discussões sobre Os sertões que aparecem nos manuais didáticos. E o que mais surpreende é a quantidade de documentos, fotografias e instrumentos recolhidos dos escombros e disponibilizados em diferentes espaços físicos e digitais.

Se, no livro Português: linguagens, da Editora Atual (2005), aparece a fotografia do filme Guerra de Canudos, de Sérgio Rezende (1997) – sugerindo um diálogo entre a obra literária Os sertões, de Euclides da Cunha, e o cinema –, é no YouTube que encontramos o drama completo, ampliando o campo de leitura e análise.

Daí a necessidade de recorrermos aos espaços digitais para investigar como essas imagens são propagadas a partir das discussões sobre Os sertões que aparecem nos manuais didáticos. E muito nos surpreende a quantidade de documentos, fotografias, instrumentos recolhidos dos escombros e disponibilizados em diferentes espaços físicos e digitais. Se no livro de Português: linguagens, da Editora Atual, 2005 traz a fotografia do filme Guerra de Canudos, de Sérgio Rezende (1997), sugerindo um diálogo entre a obra literária Os sertões, de Euclides da Cunha com o cinema, é You Tube⁷ que encontramos o drama completo.

7 Guerra de Canudos, disponível <https://www.youtube.com/watch?v=gEPfXy6FCMI>, acesso em 20 nov.2024.

Figura 4 – Cena do filme Guerra de Canudos, Sérgio Rezende, 1997



Fonte: Livro de Português: linguagens, Editora Atual, 2005

O filme Guerra de Canudos, dirigido por Sérgio Rezende em 1997, destaca a representação de José Wilker como Antônio Vicente Mendes Maciel, o líder religioso de Canudos mais conhecido como Antônio Conselheiro. O personagem é retratado com uma túnica azul, barba e cabelos longos, segurando um cajado em uma das mãos, uma imagem que se tornou icônica ao se referir a Canudos. A imagem 4 foi retirada do livro de Português: Linguagens, Volume 3 (Cereja, Willian Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. Editora Atual, 2005), e apresenta Antônio Conselheiro como figura central.

É válido ressaltar que é bem recorrente os manuais didáticos fazerem uso de imagens sem nenhum tipo de exploração. Como é o caso da imagem acima (figura 4), usada para ilustrar a página, os autores trazem para o centro da discussão, além da imagem representando o cinema, há também depoimentos, charges, caricaturas e fotografias que sugerem diálogos com o excerto de Os sertões.

Deleuze (2018) defende que a montagem modifica o sentido. E o que vemos nas montagens de imagens cinematográficas? Basta lembrar que há uma petrificação de instantes nos registros fotográficos. No entanto, o cinema consegue avançar através da projeção sucessiva de várias imagens, rompendo a petrificação das imagens. O filme Guerra de Canudos, de Sergio Rezende, baseado no livro Os sertões de Euclides da Cunha, nas cenas iniciais, mostra quão precária era a vida das pessoas que decidiram

desfazer-se de seus poucos bens e tornar-se seguidoras do líder Conselheiro.

Nossa intenção é destacar como uma obra literária se associa a diversas linguagens para transmitir conhecimento ao leitor, neste caso, estudantes do último ano do Ensino Médio. O livro didático, por si só, não é suficiente. A capacidade da literatura de multiplicar significados faz com que ela não pereça, mas sim transite por várias linhas, pontos e costuras em redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A costura da narrativa de Euclides se renova a cada olhar e contribuição, provenientes de uma ampla variedade de fontes e perspectivas. Essa constante reelaboração e expansão do entendimento da obra são testemunhos de uma relevância contínua na cultura e na história brasileiras. Elisabeth Amorim, 2024

Sem dúvida alguma, os estudos da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, conduzem os pesquisadores a desbravar sertões diferentes daqueles apresentados na obra euclidiana. Como Amorim discorre em sua tese, cada leitura, cada olhar e cada contribuição são renováveis, pois falar de *Sertões* é falar de uma guerra insana e de vozes que durante muitos anos foram silenciadas. Reconhecemos que a obra de Euclides, apesar das brechas encontradas, continua sendo uma espécie de bússola, orientando o caminho para se chegar às primeiras impressões de um massacre, mas não determina a precisão de cada passo dos caminheiros.

A vasta biografia de Euclides da Cunha não caberia aqui, mas como falar da obra sem mergulhar na vida do autor? Como falar de *Canudos* sem especificar de qual delas estaríamos falando? Vale, portanto, a ressalva: trata-se de *Canudos* do século XIX, que não passava de uma fazenda abandonada, até que o beato Antônio Conselheiro e seus seguidores decidiram fixar morada naquele local, dando fim ao abandono.

Ah, mas esta *Canudos* foi queimada! Sim, de fato, os documentos imagéticos registram casas sendo incendiadas por soldados, mas os proprietários não se renderam: muitos morreram em combate, enquanto

outros saíram antes da intensificação do conflito. O povo sofrido continuou sendo expulso de suas casas, mas sem se render.

A Canudos do final do século XIX escancarou para o mundo a ineficiência de um sistema político brasileiro que orquestrou um massacre sem fundamento. Provou com sangue que os canudenses só queriam viver em paz, apesar da aridez da terra em que estavam plantados os pés. A loucura de Antônio Conselheiro caiu por terra quando o estudo do crânio não detectou nenhuma anomalia. E o mais grave, mostrou como é perigoso a guerra do ódio propagada em narrativas alicerçadas no juízo de valor.

Gínia Gomes(2005) ao falar sobre as “constelações imagéticas em Os sertões”, ela destaca como as imagens foram construídas ao longo dos cem anos desde a publicação do livro de Euclides da Cunha contribuíram para o fascínio dos leitores e pesquisadores pela obra. Essas imagens retratam a terra, o homem e a própria luta, revelando-se a cada leitura. Os diferentes cenários apresentam uma terra árida, seca, dura e traiçoeira em contraposição a um local paradisíaco, acolhedor e vivo. Cenários constantemente explorados, visitados e reimaginados através das produções artísticas e literárias.

Assim, como as imagens dos Sertões foram construídas, desconstruídas e reconstruídas, podemos dizer o mesmo do autor de Os sertões, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909), carioca, além de escritor, era engenheiro, poeta, jornalista, historiador, botânico, geólogo e cartógrafo. Uma personalidade intelectual múltipla, inspiradora, crítico brilhante capaz representar os interesses do governo republicano, mas ao sentir-se incomodado com os rumos dos acontecimentos, retrocedeu para reavaliar as ideologias defendidas. Mostrando-se um ser sensível capaz de reconhecer os equívocos cometidos. Reconhecimento registrado através de uma carta íntima, conforme as contribuições de Dias(2022):

A postura do escritor ao longo da sua vida é de alinhamento com o pensamento republicano, embora várias vezes exposto a situações que denunciavam a distância entre o sistema de governo que fora idealizado para o país e aquele efetivamente

instaurado. Algum tempo depois de proclamada a República, Euclides confessa ao pai, em correspondência íntima, datada de 14 de junho de 1890 suas decepções com o novo regime. (Dias, 2022, p. 18)

Enfim, vimos um Euclides em constante movimento, em seu ir e vir, um intelectual que apresentou Canudos, Antônio Conselheiro e seu povo para o mundo. Mesmo que ele tenha criado o personagem “Conselheiro”, de certa forma, as portas foram abertas – por meio de sua obra-prima – para novos estudos e novas contestações.

Como afirma Castells (1999), vivemos em uma sociedade em rede, na qual todos estão constantemente conectados. Que possamos transformar essas conexões em aprendizagem. Afinal, como disse Euclides: “Canudos não se rendeu” – e, com isso, ela permanece aberta a novas visitas e a intervenções artístico-literárias.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Elisabeth Silva De Almeida. **Antônio conselheiro nos manuais didáticos**: caricatura de um líder. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://ns1.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90477>>. Acesso em: 30/10/2025 17:38

AMORIM, Elisabeth S. A. – **Uma colcha de retalhos chamada os sertões**: entre linhas, pontos e fuxicos dos manuais didáticos para as redes. Tese de Doutorado. Alagoinhas: Universidade do Estado da Bahia/ Pós-Crítica, 2024.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada em 7 de janeiro de 1977. Tradução e Pós-fácio Leyla Perrone_Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Cinema 1 - Imagem movimento**. Tradução Stella Senra, São Paulo: Editora 34, 2018.

DIAS, Léa Costa Santana. **Euclides da Cunha em terras baianas e amazônicas**: impressões de um viajante sobre sertões brasileiros e outros espaços. Salvador: Edufba, 2021. 361p.

FONSECA, Aleilton [et al] **Visitações a Belo Monte**: Canudos. Estudos críticos. Ilustrações Silvio Jessé, Itabuna: Mondrongo, 2020.

GOMES, Gínia Maria. Euclides da Cunha: literatura e história.(org) Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

JESSÉ, Silvio; FONSECA, Aleilton. **Coleção Belo Monte/ Canudos**: A terceira margem. (pinturas, desenhos, aquarelas e xilogravuras) Salvador: ALBA, 2019.

OLIVEIRA, Bruno Lima. Blogs: constituição de si e memória do presente – nova forma de labor literário. In: OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do; WORCMAN, Karen. (org.) **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

SEIDEL, Roberto Henrique. A materialidade do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de autor, leitor e texto. In: In: FÉLIX, José Carlos. SAVEDORI, Juliana Cristina (orgs.) **Desleituras- o autor e o leitor no jogo do texto**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020. p. 109-125

SOUZA, Lícia Soares de. A poética do ciclo canudiano. In: **O guardador de inutensílios**. Cadernos de cultura. Universidade Dom Bosco, n 7, Campo Grande: UCDB, 2004.